

A INCAPACIDADE POLÍTICA DOS ESTADISTAS BRASILEIROS

Antônio dos Santos Figueiredo

Nós não temos classes dirigentes. Não temos “elites” e o regime não permite seleções. Também não há, em São Paulo e no Brasil, daquelas famílias tradicionais inglesas, cujos primeiros varões se entregam aos negócios públicos, transmitindo aos filhos qualidades e práticas excelentes. Alguém quis colher desses exemplos no Segundo Império. Eduardo Prado, ao traçar a biografia de Rio Branco, disse que este muito se parecia aos seus ascendentes ilustres. E lembrava as famílias que, na Grã-Bretanha, têm fornecido preciosos rebentos: os Cannings, os Pitt, os Gladstones.

Na República, no **democratismo brasílico**, as oligarquias dominantes não provieram de famílias distintas, de nobreza culta e sagaz, e que pudessem ter inoculado, aos seus representantes, energia de caráter, sinceridade, boas intenções, sabedoria. Até à proclamação da República, o fazendeiro era o sustentáculo das instituições. Quem era o fazendeiro? Membro proeminente da “aristocracia rural”, vulgarizada por alguns publicistas. Aristocracia em que sentido? Uma aristocracia bárbara e rotineira, muito boa para dirigir e maltratar negros em estado selvagem, mas inepta para conduzir uma sociedade com variadíssimos tipos étnicos.

Como já demonstramos, o fazendeiro, que se insurgia contra a escravidão, teve influência decisiva na fundação da República. Foi ele que empurrou para a frente os bacharéis, as inteligências, que decretaram uma lei básica, que aqueles não conheciam, e que foram adulterando ao sabor das conveniências daqueles. E esses bacharéis que monopolizaram o poder em todo o território? Não eram de linhagem; e não tiveram o cuidado de industrializar os filhos na arte difícilíssima de conduzir grupos humanos. Na sua maioria, filhos de lavradores, e, por conseguinte, rebentos da “aristocracia rural”, não prepararam os seus descendentes para os encargos futuros. Deram-lhes uma educação deficientíssima e acanhada. Não escolhiam, e nem escolhem ainda hoje, para se dedicarem a misteres tão complexos, os mais vivos, os mais lúcidos. Quem o afirmou não foi um revolucionário; foi o grande mestre de Direito, Pedro Lessa.

Numa conferência, que infelizmente não anda espalhada, traçou S. Exa. com muito chiste e humor, o perfil desses cavalheiros que enfeixam em suas mãos as prerrogativas perigosas. Um pai, que tem filhos, indica, aos mais inteligentes, os cometimentos valiosos: a engenharia, o comércio, a lavoura, a indústria. O mais peço, o mais enfezado, o mais

obtuso, ele o reserva para a política. “Bem; este serve para as lutas eleitorais; é possível que vá até à presidência da República”. Os congressos, as assembléias provinciais, as prefeituras, as secretarias — adiantava o mestre — estão cheias desses bípedes, que nos atormentam com os seus desregramentos e as suas prepotências...

Pedro Lessa, com o ser um erudito, amava a lei acima de todas as coisas. Não deve ser apontado como “anarquista perigoso”. Além do mais, patriota dos sinceros, dos sem mácula, infenso à desagregação e ao pessimismo. Também nunca se enfileirou entre os oposicionistas sistemáticos; julgava os seus contemporâneos com altiva independência, e as suas críticas acerbas visavam indistintamente a gregos e troianos. Despeito, não alimentava; subiu ao alto posto em que faleceu pelo seu esforço próprio, e nunca andou a mendigar favores e simpatias.

Portanto, a sua opinião sobre os estadistas indígenas tem um valor inestimável. Podemos, com desembaraço, tratar de algumas personagens, que tiveram excelentes oportunidades para nos engrandecerem, e que, no entanto, por incúria e incompetência, arrastaram-nos para a bancarrota, para a corrupção e para o esterquilínio.

Falemos tão somente do nosso Estado, que está sempre em ordem do dia. Não se pense que somos um Estado onde a inteligência não larga os seus vãos; se chegamos ao utilitarismo de agora, foi porque a relutância em aceitar a colaboração dos vultos de saber afugentou bons e leais paulistas, que se desenganaram e se sumiram acintosamente. Dr. Luiz Pereira Barreto, Arnaldo Vieira de Carvalho, Cincinato Braga, Júlio Mesquita, Vicente de Carvalho, João Mendes Júnior, Reinaldo Porchat, e, ultimamente, Amadeu Amaral, Plínio Barreto e outros, foram elementos que intervieram na política, com P grande, e jamais lograram ser distinguidos.

Luiz Pereira Barreto fez parte da Constituinte; trabalhou com afinco pela consolidação do regime; tudo o que escrevia era de interesse público. A ele se deve a derrubada das matas do Oeste e a conseqüente fundação de propriedades agrícolas e pastoris, fontes de riqueza do Tesouro. Quis ensaiar a cultura de vinhas e de frutas, no seu horto de Pirituba, no intuito de demonstrar que São Paulo podia retirar do seu solo outros produtos que não fosse somente café. Concorreu, com a sua experiência e a sua cultura, para que se aperfeiçoassem as diversas raças de gado existentes. Pelo livro, pelo jornal, pela conferência, divulgou ensinamentos práticos, que aproveitariam aos seus conterrâneos em geral. Pois este benemérito foi afastado cautelosamente dos arraiais governistas, onde a sua presença apoquentava os nossos bonzos. Antes de morrer, disputando uma cadeira de senador, que lhe foi oferecida, passou pelo dissabor de ser derrotado por um prelado obscuro e impatriota.

Outros militaram na política. Cincinato Braga e Júlio Mesquita ocuparam, de longe em longe, posições salientes. É exato. Esses, porém, e *mais os seus companheiros da dissidência, foram considerados, pelo Partido Republicano, elementos dissolventes, inadaptáveis, convindo pô-los de lado, mesmo nos momentos em que as suas luzes se afiguravam indispensáveis.*

As duas ou três dissidências verificadas no seio da agremiação política exclusivista, são prova irrefragável do profundo antagonismo entre a cultura e os chefes da democracia. Também Vicente de Carvalho se deteve, por meses, numa secretaria, e deixou traços inapagáveis de sua permanência; um incidente de nonada, uma casca de laranja, foi o bastante para que se aborrecesse, preferindo as musas ao borbórinho enervante da politicalha. Foi um alívio para os magnatas...

Os novos, ante o fracasso de tantos valores, retraíram-se, como é natural. Em semelhante ambiente, hostil e pesado, não era possível terem vida os que se comprazem com o desafogo e o movimento. Amadeu Amaral teve ilusões a respeito dos políticos. Atendo a apelos de extremados amigos, apresentou-se candidato a deputado estadual — modesto lugar, por via de regra, entregue a nulos e desprovidos de vontade. Nem isso consentiram; e o delicado literato teve que juntar mais esta decepção ao seu ativo. Protestar? Para que? Para dar azo a que coronéis insolentes se desmandibussem à custa de pessoas simples e retas?

Existem no partido, é certo, alguns indivíduos, estimados pela sua ilustração e argúcia. Não citamos nomes, porque são conhecidíssimos. Antes não estivessem arregimentados: o seu silêncio e a sua preguiça dão tanto na vista, que dir-se-iam antes ter assinado, com os chefes, um pacto solene, e em virtude do qual se comprometeram a não aprofundarem, a sério, os problemas confiados ao estudo dos maiores. Muitos são oradores de raça, e os seus discursos raream; outros, jornalistas e literatos, mas os seus escritos, sobre assuntos que requerem o concurso da mentalidade de escól, não aparecem, nem mesmo nos órgãos oficiais. Que valem tais capacidades, asfixiadas pela disciplina e pela estreiteza? Talvez que, por fora, prestassem algum auxílio ao seu país ou à humanidade. São piores do que os que se encaminham para assembléias, guiados pelos lídimos chefes do caciquismo. Homens de responsabilidade intelectual, aviltam-se com semelhante procedimento. As acomodações, as transigências e o medo são impróprios de criaturas respeitáveis pela sua notória capacidade. É uma indignidade não trabalhar e não lutar; e quem, com humilhações, se submete a um comando desprezível, merece os anátemas dos pósteros.

Agora, digam: que estímulo pode ter uma mocidade vigorosa e de têmpera ante tantos desleixos e renúncias? Se a inteligência não é um diploma, se o preparo é secundário, os que começam a vida sentem-se

impelidos para a mediania; não querem concorrer para a relativa felicidade do povo. O dr. Evaristo de Moraes, em artigos no "Correio da Manhã", recordou, ainda há tempos, os feitos nobres que a sua juventude assistiu: a abolição e propaganda ideal da República. Havia, nessas eras, escrúpulos, abstinências, entusiasmo são entre os principais dirigentes. Quais os feitos de hoje? Covardias, mentiras, deslealdades. E mais suborno e curvatura de espinhas. Se os moços se dobrassem ante cavalheiros escolhidos, selecionados, vá que se perdoasse. Entre nós, porém, faz-se a seleção no sentido inverso: como o proclamou Pedro Lessa, os incapazes das famílias é que tomam a dianteira.

(**A Evolução do Estado no Brasil**, 99/107.
Porto, Empresa Industrial Gráfica Ltda.,
1926)